
AUTOFOTOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA EM PESQUISA: O MÉTODO AUTOFOTOGRAFICO E AS PRODUÇÕES DE TRABALHADORAS/ES ESTUDANTES DE DUAS REGIÕES BRASILEIRAS

<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v8i1.39215>

Damiana Matos Costa França*
Naira Lisboa Franzoi**

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. damianamcf@yahoo.com.br

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. nairalisboafraznoi50@gmail.com

Resumo

Neste artigo abordamos o método autofotográfico com o objetivo de compreender se e como jovens e adultos estudantes trabalhadoras/es em canaviais, no Nordeste, e na viticultura, no Sul do Brasil se percebem como protagonistas do desenvolvimento de seu município. O método autofotográfico, desenvolvido por Robert Ziller, foi a maneira encontrada para apresentar os olhares, as falas e as construções fotográficas de trabalhadoras e trabalhadores dos municípios de Areia, no estado da Paraíba e Bento Gonçalves, no estado do Rio Grande do Sul. O estudo confirmou o trabalho como convergência entre os participantes da pesquisa, concebido como meio para a concretização dos seus direitos. Acreditamos que a construção de um desenvolvimento socialmente justo precisa ser discutida e realizada com a participação do trabalhador. Mais do que apresentar conclusões acerca do objeto da pesquisa, enfocam-se aqui as potências e os limites da metodologia que pode ser utilizada como uma aliada no contexto das práticas pedagógicas e na pesquisa em educação. A pesquisa se filiou à abordagem qualitativa por entender que a ação humana contempla significações, o que torna essencial o entendimento dos significados subjetivos atribuídos pelos sujeitos que compõem as ações humanas em seus contextos sociais.

Palavras-chave: estudantes-trabalhadores, fotografia, educação de jovens e adultos.

Abstract. Auto-photography as a methodological possibility in research: the auto-photographic method and the worker students productions in two Brazilian regions. In this article we discuss the auto-photographic method in order to understand if and how youngsters and adults worker-students in sugar cane plantations in the Northeast and in viticulture in Southern Brazil perceivethemselves as key players in their county development. The auto-photographic method, developed by Robert Ziller, was the way to present the point of view, speech and photographic construction by the workers from Areia, state of Paraíba and Bento Gonçalves, state of Rio Grande do Sul. The study confirmed the work as convergenceamong the participants of the research, conceived as a way for their rights. We believe that the building of a fairer social development needs to be discussed and playedby the workers. More than conclude about the research objects, we focused the potentials and limitations of the methodology used, which can beused as a tool in the contest of pedagogical practices and education research. The research associates to qualitative approaches because human action brings significations, which makes essential

to understand the subjective meanings that compose the human actions in their social context.

Keywords: worker-students, photography, youngster and adults education.

Introdução

O debate sobre o desenvolvimento, atualmente, envolve estudiosos de várias áreas, preocupados com questões econômicas, culturais, políticas, históricas, ambientais e sociais no que se refere às perspectivas de superação das desigualdades regionais dentro do país. O início do século XX ficou marcado como um momento histórico, no qual ocorreram mudanças nas abordagens sobre o desenvolvimento. Nesse percurso histórico, ao conceito de desenvolvimento foram sendo agregadas algumas dimensões sociais, políticas, culturais e econômicas. Foram sendo introduzidas questões temáticas, como direitos humanos, educação, criatividade, liberdade, democracia, diversidade cultural, questões ambientais e a sustentabilidade. Segundo Oliveira (2001) não existia um conceito único de desenvolvimento local. Ao contrário, existiam as mais variadas interpretações e usos do conceito, o que mostra uma intensa disputa ideológica e política em torno de um projeto de desenvolvimento a partir do local. É necessário inventar um processo novo que não possa ser anulado, em que o desenvolvimento local seja entendido como tendência contrária aos processos dominantes. Interessa-nos, neste contexto, o desenvolvimento entendido como um processo de construção social, que se dá com a participação destes sujeitos trabalhadores-estudantes. Entendemos o direito à fala como um caminho essencialmente emancipador no processo de participação dos trabalhadores na construção de um conceito de desenvolvimento, a começar pela ruptura das visões hegemônicas, uma vez que compreendemos o desenvolvimento como um campo de forças em disputa. Nessa perspectiva, o processo de construção individual e coletiva sobre o desenvolvimento local não é entendido como exclusividade do Estado e das elites econômicas. Acreditamos na construção de um conceito de desenvolvimento local, nascido a partir de quem constrói suas alternativas vivendo o real, contrariando as lógicas de exclusão.

O artigo resulta de um estudo que teve por objetivo compreender se e como trabalhadoras e trabalhadores¹ estudantes se percebem como protagonistas do desenvolvimento local e que relações estabelecem nessa reflexão. O foco do artigo é o método utilizado na pesquisa – a autofotografia – e os resultados obtidos na investigação são apresentados para entender-se o alcance do método e para incentivar a utilização da autofotografia como uma das possibilidades de uso da fotografia como prática pedagógica na sala de aula e na pesquisa em educação.

A pesquisa² foi concebida como um espaço para a criação de diálogos. A autofotografia, utilizada como metodologia de registro e de análise, traz o olhar e a

¹Para fins de fluidez do texto de agora em diante será utilizada somente a palavra no masculino para designar ambos os gêneros.

²Neste artigo, compreendemos o termo pesquisa como procedimento pensado e organizado em busca de respostas aos problemas (inquietações, questionamentos) apresentados, buscando entender a realidade estudada por meio de aproximações para uma intervenção no real. A pesquisa em si é constituída por etapas e esta não se fez sozinha com o pesquisador. Método é concebido como percurso que tem por norte um objetivo. Metodologia, neste sentido, são os procedimentos estabelecidos com base nos métodos utilizados na pesquisa.

compreensão do trabalhador-estudante, por meio da produção e da leitura de imagens e, também, do diálogo estabelecido com a pesquisadora, e entre os estudantes envolvidos no processo. Ao produzir suas próprias imagens, o sujeito expõe e comunica suas reflexões e seus saberes num ato criativo, gerando-se aí um espaço de encontro que contribui para que os sujeitos se apropriem da vida e criem formas de estar no mundo.

Partiu-se do pressuposto de que o trabalhador pensa e constrói saberes e alternativas que contribuem para o desenvolvimento do seu município. Acredita-se que sua participação é essencial na construção do próprio conceito de desenvolvimento, na medida em que reflete sobre sua própria experiência, pois é ele que vivencia o trabalho e as relações sociais no cotidiano.

Tal pressuposto tem suporte em Gramsci (1979), para quem a realidade é permeada de conflitos, contradições e mediações, podendo ser analisada a partir de significados que fazem parte do ser social. Desse modo, o autor oferece-nos instrumentos para pensar o trabalhador e seus saberes como parte de um processo político de construção individual e coletiva. Para Gramsci (1979, p. 7), “[...] todos os homens são intelectuais”, porque, entende ele, qualquer trabalho físico implica uma atividade intelectual e criadora. No caso deste estudo, é desta forma que se entende os jovens e adultos trabalhadores que, durante o dia, trabalhavam e, à noite, dirigiam-se à escola: conhecem o seu trabalho, a partir do qual criam seus valores, suas ideias e suas significações ligadas ao seu tempo histórico.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa partiu da noção de produção conjunta de saberes, desenvolvida por Maurente e Tittoni (2007), e foi realizada com dois grupos de trabalhadores, em locais distintos. O primeiro, no município de Bento Gonçalves, no estado do Rio Grande do Sul, contou com a participação de cinco jovens e adultos, entre 19 e 36 anos, que trabalhavam na viticultura. O segundo, no município de Areia, no estado da Paraíba, foi composto por oito jovens e adultos, com idades entre 18 e 27 anos, que trabalhavam no plantio e na colheita da cana-de-açúcar e na produção de aguardente e rapadura. Suas atividades, realizadas nas zonas rurais de seus municípios, são centrais na economia das regiões onde se encontravam. Todos eles, fazem parte da classe-que-vive-do-trabalho (Antunes, 2005)³.

O estudo se filiou à abordagem qualitativa por entender que esse tipo de pesquisa coloca como foco de interesse o posicionamento, a percepção e os valores expressados na fala dos atores sociais. A abordagem qualitativa “[...] compreende os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (Godoy, 1995, p. 58). No processo de pesquisa, compreendemos que “[...] cada investigador tende a desenvolver o seu próprio método em função do seu objeto de investigação, dos seus objetivos, dos seus pressupostos teóricos ou de outros fatores contingentes” (Maroy, 1995, p. 117). O processo de produção do conhecimento neste estudo passou necessariamente pela história vivenciada pelos participantes da pesquisa. Esse movimento deu sentido à curiosidade e à inquietação durante o desenvolvimento da pesquisa construída no contato com estudantes, professores e gestores pelo qual registro que os dados “[...] não se encontram disponíveis na realidade, eles são sempre o

³São, na definição do autor, parte da classe social que vive da venda da sua força de trabalho. Segundo o autor, diante das inúmeras mudanças ocorridas no mundo do trabalho, pode-se dizer que a caracterização da classe trabalhadora, hoje, passa por uma noção ampliada, que abrange os trabalhadores precarizados, os trabalhadores com vínculo de trabalho temporário e, como no caso em tela, os trabalhadores rurais.

fruto de um processo de construção” (Cotanda, Silva, Almeida & Alves, 2008, p. 77).

O texto estrutura-se da seguinte forma: na próxima seção é feita uma exposição sucinta sobre a fotografia como método de pesquisa e sobre o método autofotográfico; na sequência, apresentam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa e o processo de construção das autofotografias; em seguida, para tornar mais clara a metodologia, ilustra-se parte do que foi produzido na pesquisa e as reflexões geradas no processo; ao final, são feitos alguns apontamentos enfatizando os principais aspectos identificados no estudo.

A fotografia como “método” de pesquisa e o método autofotográfico

A fotografia surgiu na primeira metade do século XIX. Sua criação marcou o contexto da modernidade, contribuindo, inicialmente, com as artes visuais ao possibilitar o registro do presente e o contato com o passado através da história que ficou registrada. Dessa forma transformou a maneira do homem se relacionar com a sociedade a partir da imagem (Sontag, 1986).

O uso da fotografia⁴ em pesquisas teve início na área das Ciências Sociais, mais precisamente com a Antropologia. Para Mauad (2004, p. 25), a fotografia historicamente “[...] compõe, junto com outros tipos de texto de caráter verbal e não verbal, a textualidade de determinada época”.

Ciavatta e Alves (2004, p. 15) mostram que “[...] desde o início, no uso de imagens em pesquisas nas ciências sociais, deu-se ênfase às conversas transdisciplinares”. Ao analisar o uso da fotografia nas diferentes abordagens, as autoras destacam a presença da historicidade e seu potencial para a informação e para a educação, porque “[...] como representação do passado geram uma memória que alimenta a compreensão do presente e orienta as perspectivas do futuro. Como memória ou como comunicação, as imagens constroem um discurso visual que organiza o conhecimento da realidade” (Ciavatta & Alves, 2004, p. 15). As autoras afirmam que os caminhos metodológicos estão sendo construídos nas diversas áreas, porque “[...] mais do que as palavras, as imagens fotográficas inundam as várias dimensões da vida

⁴Neste sentido, apontamos alguns estudos que abordaram, metodologicamente, o uso da fotografia como um dos principais recursos utilizados na construção dos dados de pesquisa. A pesquisa realizada, em Bali, por Gregory Bateson e Margareth Mead (Bateson & Mead, 1942), constituiu-se como fundadora da Antropologia Visual, no estudo foi fotografado o comportamento dos balineses. Fernando Cury de Tacca (Tacca, 1990), em sua dissertação: *Sapateiro: o retrato da casa. A representação da casa do operário sapateiro francano através do seu próprio olhar*, utilizou a fotografia como principal fonte de informações. Ana Maria Mauad de Sousa Andrade (Andrade, 1990) realizou uma pesquisa de mestrado intitulada: *Sob o signo da imagem - a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Luiz Eduardo Robinson Achutti (1996), e sua dissertação intitulada: *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho em uma vila popular na cidade de Porto Alegre*. Maria Ciavatta (2002), em sua pesquisa intitulada: *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Lucas Neiva-Silva (Neiva-Silva, 2003) realizou uma pesquisa de mestrado, baseada na utilização do método autofotográfico, intitulada: *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico*. Vanessa Soares Maurenente (2005), com a dissertação intitulada: *A experiência de si no trabalho nas ruas através da fotocomposição*.

humana. Se não sabemos ainda, exatamente, como lidar com elas, não há como ignorá-las” (Ciavatta & Alves, 2004, p. 15).

O método autofotográfico, por sua vez, é uma das formas de utilização da fotografia em pesquisa. Este método foi, inicialmente, descrito por Robert Ziller (Ziller & Smith, 1977), no final da década de 1970, para ser utilizado em pesquisas na Psicologia. O método consiste na produção de fotografias autorais dos participantes da pesquisa, a partir de um questionamento proposto pelo/a pesquisador/a. Ziller e Smith (1977) destacam que o método, rompe com as dificuldades de comunicação da linguagem verbal presentes entre sociedades com culturas e línguas idiomas distintos. Isso porque uma das potencialidades do método é não necessitar de competência verbal ou escrita por parte dos interlocutores, o que proporciona uma maior possibilidade de comunicação sem as limitações impostas pela linguagem verbal. Para os autores, a fotografia teria, portanto, a utilidade de registrar a compreensão do participante, superando as limitações das técnicas que fazem uso, exclusivamente, de relato verbal. Assim, de acordo com Ziller e Smith (1977)⁵, o método autofotográfico é recomendável quando os participantes não têm facilidade em se expressar verbalmente sobre a temática sugerida na pesquisa, auxiliando na compreensão do pesquisador (Neiva-Silva & Koller, 2002).

Percebe-se que estão implícitos no método, os pressupostos que sustentam o uso da fotografia de forma geral. Kossoy destaca que a fotografia é ao mesmo tempo registro e criação, pois “[...] o dado do real, registrado fotograficamente, corresponde a um produto documental elaborado cultural, técnica e esteticamente, portanto, ideologicamente” (Kossoy, 2000, p. 34). Os mesmos pressupostos são defendidos por Gombrich, para quem a imagem visual não é mera representação da realidade, mas “[...] um sistema simbólico, desvendado pelo indivíduo que, em função de sua cultura e de sua história pessoal, incorporou modos de representação e potencialidades de leitura que lhes são próprios” (Gombrich apud Zanirato, 2005, p. 2).

Nesse sentido, a imagem passa a ter uma relação decifrável entre o visível e o que ele significa. As imagens fotográficas são discursos visuais mediados pelas subjetividades dos participantes que fotografam. Segundo Lopes (1996), a fotografia exige uma postura crítica; exige uma tomada de posição frente à realidade, que influenciará na seleção do que será fotografado, na explicitação do como, do para que e do por que do registro fotográfico. Kossoy (1998, p. 46) afirma que a realidade da fotografia é “[...] uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (sua realidade exterior) e de segredos implícitos (sua história particular, sua realidade interior)”.

Ainda, para Dubois (1994, p. 94),

⁵Segundo Neiva-Silva e Koller (2002) os três primeiros estudos realizados pelos criadores do método tiveram como objetivo contrastar as percepções de grupos distintos, sobre o mesmo tema. No primeiro, exploraram “[...] a percepção do ambiente por pessoas que se diferenciam em termos de familiaridade com o local onde vivem ou frequentam”. No segundo, “[...] foi investigada a percepção de pessoas portadoras de deficiência locomotora que utilizam cadeiraderodas comparada com a visão de pessoas que não apresentam esta limitação”. E, no terceiro estudo, “[...] diferenças de gênero na autorrepresentação de estudantes universitários são analisadas. Homens e mulheres, com idades variando entre 19 e 21 anos, foram solicitados a tirar 12 fotos em resposta à pergunta *Quem é você?*” (Neiva-Silva & Koller, 2002, p. 241).

[...] a fotografia define uma verdadeira categoria epistêmica, irreduzível e singular, uma nova forma não somente de representação, mas mais fundamentalmente ainda de pensamento, que nos introduz numa nova relação com os signos, com o tempo, o espaço, o real, o sujeito, o ser e o fazer.

Conforme a literatura, o método apresenta características positivas como a não dependência de habilidade verbal ou escrita para a produção das autofotografias. Apresenta, também, um grande potencial de documentação por intermédio dos registros realizados pelos participantes.

Procedimentos metodológicos

Neste estudo, a proposta de utilização da autofotografia, como estratégia metodológica, surgiu por se considerar a fotografia como algo que avança e que penetra o campo do saber, capaz de estabelecer diálogos com o visível, com o invisível, com o local, com o outro, consigo mesmo, com a realidade, com a criatividade e a sensibilidade, num processo reflexivo que expõe o momento vivido. Isso faz com que o sujeito-fotógrafo perceba-se como parte do processo de criação e produção, aproximando, no caso desta pesquisa, o trabalhador-estudante de suas próprias construções, enquanto sujeito social. A fotografia foi concebida, neste estudo, como atividade criadora, capaz de revelar experiências, formas de expressão e construção da realidade. A autofotografia foi utilizada, então, como um recurso pedagógico, facilitador do processo de reflexão. O método foi escolhido por acreditar-se que a produção autofotográfica pode mostrar o que nem sempre pode ser descrito, criando, assim, meios possíveis para expressar valores, desejos e sonhos que fazem parte do cotidiano de vida e de trabalho dos jovens e adultos trabalhadores-estudantes. Todo o processo metodológico de pesquisa foi compartilhado com os participantes do estudo, que foram essenciais na sua produção e realização, tornando-se coautores dele

Durante a pesquisa, realizou-se um estudo de dados secundários sobre a realidade socioeconômica de cada uma das regiões escolhidas. Em seguida, procedeu-se à identificação de trabalhadores-estudantes, a partir de questionário aplicado nas escolas das duas regiões, com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram, então, convidados para participar da pesquisa estudantes que trabalhavam. O processo de produção de dados compreendeu os seguintes passos: (i) realização de oficina introdutória sobre o tema da pesquisa e fornecimento de instruções de uso das máquinas fotográficas; (ii) produção das autofotografias; (iii) exposição das autofotografias pelos participantes para os colegas de pesquisa; (iv) seleção das autofotografias produzidas e escrita de legendas para as mesmas; (v) realização de entrevista individual com base nas autofotografias selecionadas e legendadas⁶. Durante todo o tempo, utilizou-se diário de campo, instrumento subsidiário para a análise dos dados.

A seguir, descreve-se o processo, passo a passo. Considera-se como conceito de autofotografia todo o processo, que abrangeu desde a produção das fotografias propriamente ditas, passando pela escrita das legendas e pelas reflexões feitas através de encontros entre participantes e pesquisadora, até as entrevistas em torno das mesmas.

⁶Ao todo, realizamos seis encontros com os participantes, os mesmos foram determinados previamente e aconteceram em dias seguidos e também alternados, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Os encontros duraram, em média, duas horas.

Primeiro passo: oficina introdutória

Este passo não estava descrito pelos criadores do método, tendo sido uma adaptação considerada necessária. Nesta oficina, foi feita uma conversa inicial com os participantes, sobre as atividades por eles realizadas, no contexto do desenvolvimento do município onde se encontravam, e foi lançada a questão que iria nortear a produção das autofotografias: ‘Você é um/uma construtor/a do desenvolvimento do seu município? Como?’

Tendo como pressuposto de pesquisa a noção de ‘produção conjunta de saberes’ de Maurente e Tittoni (2007), o ponto de partida foi que os atores visualizassem a dimensão de sua participação na construção do conhecimento, para além da função de ‘fornecedores de dados’ a serem analisados e interpretados pela pesquisadora. Enfatizou-se a importância da participação de cada um no processo da pesquisa, o que é essencial ao método. Com tal objetivo, foi explicado aos estudantes-trabalhadores, que há grandes divergências, entre os estudiosos, quanto ao conceito de desenvolvimento local, e que a visão de cada um sobre o mesmo era importante para a construção deste conceito.

A seguir, os participantes receberam instruções de como utilizar as câmeras fotográficas descartáveis⁷ adequadamente, não tendo sido determinado o número de autofotografias que cada um deveria produzir. Também não foi previamente determinada a quantidade de autofotografias que poderiam ser escolhidas, ou seja, os participantes tiveram total liberdade de escolha durante todo o processo de produção.

Segundo passo: produção das autofotografias

No percurso da produção autofotográfica, a reflexão e as escolhas são necessárias para a construção das respostas. Antes do foco e do disparo manual da câmera o autor pensa no que será fotografado: “[...] ao empunhar a câmera, o fotógrafo se coloca em campo para ‘caçar’ seus objetivos. A decisão de apertar o botão detonador do registro fotográfico é resultado de outras decisões que envolvem o seu processo de escolha e lhe são impostas historicamente” (Tacca, 1990, p. 8).

No ato de produzir as fotografias, os participantes foram levados à reflexão sobre os elementos que deveriam estar presentes em suas produções, sendo este um meio utilizado por eles para expor e evidenciar o que desejavam mostrar, o que queriam que fosse visto e a escolha sobre o que fotografar. A autofotografia, assim, deu voz aos trabalhadores, compreendidos como construtores de conhecimentos, sentidos e significados, sobre situações e experiências de trabalho que foram construídas individual e coletivamente: “[...] a significação de uma imagem permanece, em grande parte, tributária da experiência e do saber que a pessoa que a contempla adquiriu anteriormente. Nesse tocante, a imagem visual não é uma simples representação da ‘realidade’, e sim um sistema simbólico” (Samain, 1998, p. 56).

Conforme Ciavatta e Alves (2004, p. 15), “[...] as fotografias não são objetos isolados, independentes. São situadas em um contexto e indelevelmente marcadas por

⁷ Foram utilizadas câmeras fotográficas Kodak Flash de uso único; cada câmera continha um filme *Kodak UltraMax*, colorido, de 27 poses, com sensibilidade à luz, ISO 400, com uma pilha AA 1,5 V, modelo 35 mm, com dispositivo de iluminação do tipo *flash* manual, com alcance de 1 a 4 m, com abertura, velocidade e foco fixos.

quem as produziu, pelo olhar de quem as recortou da realidade”. Em média, cada participante produziu 20 autofotografias, totalizando 291 autofotografias. Cabe ressaltar que a autofotografia refere-se ao ato de produzir os elementos fotográficos, junto com seus pares, sobre si mesmo. Ela poderia ser tirada por um colega de trabalho. O importante é que a escolha do que seria fotografado tenha sido feita pelo autor da fotografia, participante da pesquisa. Foi o que aconteceu em grande parte das fotografias.

Para Kossoy, o resultado da fotografia depende do quanto o “[...] receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, da sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural” (Kossoy, 2000, p.115). Neste processo, foram considerados importantes tanto o conteúdo das fotografias, quanto os dados sobre os autores e autoras das autofotografias e as suas percepções em relação às próprias imagens produzidas. Sobre isto, os criadores do método esclarecem:

A percepção dos autores a respeito de suas próprias fotos pode ser apreendida de diferentes maneiras. Pode-se pedir aos participantes que escolham as imagens percebidas como mais importantes; que estabeleçam uma ordem a partir das fotos que sejam consideradas mais significativas; ou que escrevam uma legenda para cada foto ou um parágrafo sobre o conjunto delas. Pode-se ainda realizar entrevistas, alcançando com maior profundidade a percepção dos participantes a respeito das fotografias (Neiva-Silva & Koller, 2002, p. 238).

Terceiro passo: encontro para debate em grupo sobre as fotografias produzidas

Depois de revelado o filme, foi realizado um encontro em que cada participante recebeu as suas autofotografias. No primeiro momento desse encontro, os participantes foram convidados a mostrar suas fotografias para os colegas do grupo e olhar as dos demais. Logo depois, foi solicitado a eles que falassem sobre as suas fotos, da forma como cada um achasse melhor. Não houve um direcionamento, cada participante falou espontaneamente sobre suas autofotografias.

Quarto passo: oficina para seleção das autofotografias e produção das legendas

No primeiro momento ocorreu a seleção das autofotografias, no qual os participantes foram orientados a escolher, diante da sua produção autofotográfica, as fotografias que lhes parecessem as mais significativas. No segundo momento do encontro, cada participante foi convidado a escrever uma legenda ou um parágrafo abaixo de cada uma das fotos que escolheu. Nesse sentido, a intertextualidade se tornou presente pela necessidade de diálogo entre as fontes, textos e imagens, na utilização do entendimento do contexto pesquisado. A imagem associada ao texto escrito orientou a leitura: “[...] as legendas formam o contraponto verbal das imagens” (Sontag, 1986, p. 25).

Quinto passo: entrevistas individuais

Após a escolha das fotografias e a produção das legendas pelos participantes, foram realizadas com eles entrevistas individuais, semiestruturadas, as quais permitem

uma sequência de temas, sendo que estes podem ser alterados e acrescentados, diante das respostas do participante (Triviños, 1987). Reafirmando o preconizado por Clancy e Dollinger (1993), foi do conteúdo das fotografias, das legendas e das falas captadas nos encontros que emergiram as categorias da pesquisa: trabalho, saberes, família, escola e relação campo-cidade. Elas se transformaram em perguntas-chave da entrevista.

Através das entrevistas, os sujeitos foram confrontados com as imagens que produziram, propiciando-lhes uma reflexão mais aprofundada. Durante a mesma, foi solicitado que o participante falasse sobre a relação entre a fotografia e a sua participação na construção do desenvolvimento do seu município, esclarecendo o que estava nas fotografias, nas legendas e no que já havia falado nos encontros anteriores – já registrado no diário de campo. Dessa forma, provocava-se que o sujeito não fosse só produtor, mas também leitor da sua fotografia.

As entrevistas ampliaram o processo autofotográfico, à medida que abordaram o antes e o depois do ato fotográfico: os motivos, as escolhas, o momento do clique, o recorte da cena. Assim, a linguagem fotográfica trouxe as possibilidades de registro e de análise da realidade. O não revelado, o interior do ato fotográfico, o não dito da fotografia foi solicitado durante as entrevistas.

As autofotografias: reflexões a partir dos trabalhadores e das trabalhadoras fotógrafos/as

Quanto ao método, é importante salientar que foram sendo feitas adaptações e reformulações que não fazem parte do método autofotográfico em sua origem, agregando algumas estratégias metodológicas que se fizeram necessárias diante da realidade pesquisada: visita à escola e aplicação de questionário aos alunos, oficinas com os participantes, visita ao lugar de trabalho dos participantes e o uso do diário de campo⁸. Reconhece-se que a autofotografia apresentou elementos ricos, enquanto um método eficaz e revelador no processo metodológico aqui apresentado e que permite a agregação de vários instrumentos e de diferentes técnicas durante a produção da pesquisa.

Os criadores do método, em suas pesquisas na área de psicologia, apontam alguns dos seus possíveis limites que foram relatados por Neiva-Silva e Koller (2002, pp. 245-246):

[...] a disponibilidade de pessoas, cenas ou objetos apropriados para representar os diferentes conceitos e o número reduzido de participantes [...] os maiores problemas estão vinculados ao processo de paráfrase, a partir das categorias das fotos para a interpretação das mesmas. Compreende-se que o principal motivo desta limitação é a não realização de entrevistas com os participantes [...] câmeras fotográficas sem o dispositivo de iluminação do *flash*. Isto fez com que algumas fotografias tiradas em ambientes interiores, com pouca luz, fossem perdidas [...] outro problema refere-se ao número reduzido de participantes, assim como o pequeno número de fotografias tiradas por cada um deles, que acabou gerando uma certa dificuldade na análise estatística dos dados.

⁸As anotações no diário de campo, feitas durante os encontros com os participantes, foram muito importantes procurando descrever sentimentos, sensações, emoções, posições, falas e aspirações, da pesquisadora e dos participantes.

No caso desta pesquisa, esses não foram limites ou foram problemas contornados. Por exemplo, alguns participantes refizeram fotos com problemas de nitidez ou luminosidade, sem prejuízo do que queriam mostrar inicialmente. Acredita-se que com o amplo acesso da população aos dispositivos de fotos, esse é um problema facilmente contornável. Aponta-se, porém, como limite, o tempo disponível para a pesquisa. Ainda que se tenha obtido densos resultados com a utilização da autofotografia, avalia-se que, se o estudo pudesse ser estendido, seria desejável voltar a campo, após as entrevistas individuais, para uma nova discussão com todo o grupo de coautores, sobre os significados do que foi trazido em todo o processo⁹.

Embora o foco deste artigo seja o método utilizado, para que se perceba o alcance do mesmo, apontam-se, brevemente, os principais resultados do conteúdo que emergiu das autofotografias. A questão de pesquisa ‘Você é um/uma construtor/a do desenvolvimento local (do seu município)?’ provocou uma intervenção nos trabalhadores-estudantes, fazendo com que eles pensassem sobre a questão, a partir de si próprios e de seus contextos sociais de vida e trabalho. Através das suas autofotografias, acompanhadas de legendas, os trabalhadores-estudantes realizaram um diálogo com sua realidade, com seu contexto sociocultural, trazendo em suas autofotografias as marcas das materialidades por eles vividas – suas condições de trabalho e de vida. As autofotografias são, assim, ao mesmo tempo produto e expressão da singularidade dos sujeitos, dado que cada um construiu e selecionou as fotografias, com referência em sua experiência, seu conhecimento, seus valores e seus posicionamentos, revelando, também, as influências históricas e culturais implícitas na construção de cada olhar.

Ao responder a questão, o trabalhador fotografou a si mesmo mostrando o seu trabalho. Esse foi elemento central para todos os participantes. Ficou enfatizado que a participação na construção do desenvolvimento envolve uma relação intrínseca como trabalho humano, que foi, para os sujeitos do estudo, o ponto de partida de todos os seus posicionamentos. Através desse posicionamento diante do vivido ficou evidente que: “[...] o conceito de mundo ou de mundo do trabalho inclui tanto as atividades materiais, produtivas, como os processos de criação cultural que são gerados em torno da reprodução da vida” (Hobsbawn apud Ciavatta, 2004, p. 46). O trabalho, por sua vez, abrange a complexidade da vida humana, o que se expressa nas categorias que emergiram das autofotografias, já elencadas.

Para melhor evidenciar a forma como o método foi utilizado, levando aos resultados apresentados, selecionou-se autofotografias que, pelos limites deste texto, se restringiram às produzidas por dois autores, um do grupo do Sul e outro do grupo do Nordeste¹⁰. A primeira autofotografia escolhida (Figura 1) foi uma construção do participante Michael¹¹, de 25 anos de idade, que reside na zona rural e trabalha com o plantio e tratos culturais das mudas de videira até o cultivo, com uma carga horária de trabalho de 40 horas semanais. À época da pesquisa, era estudante do segundo ano do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), no turno da noite, no Instituto

⁹ A pesquisa foi desenvolvida como dissertação de mestrado, cujo prazo é exíguo. Houve, também, limites financeiros dados pelos custos exigidos pelos deslocamentos a campo.

¹⁰ Os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, em que autorizam o uso de suas imagens.

¹¹ Os nomes dos participantes são fictícios.

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves. Ele produziu vinte fotografias, das quais escolheu seis. Para a produção desta fotografia, ele explicou o processo de utilização da câmera fotográfica para seu pai, que foi quem tirou a fotografia.



Esta foto retrata o trabalho, para o cultivo da uva desde o plantio da muda, a poda e os cuidados que temos que ter para obter uma excelente safra.

Figura 1 – O cultivo da uva

Fonte: Acervo da pesquisa – participante Michael.

Legenda: “Esta foto retrata o trabalho para o cultivo da uva desde o plantio da muda, a poda e os cuidados que temos que ter para obter uma excelente safra”.

Na legenda e na conversa, Michael fala com orgulho de seu trabalho, ficando clara uma forte expectativa positiva em torno da potência do mesmo. Um dos elementos enfatizados por ele, na legenda, foi a importância do trabalho e das etapas que compõe o processo de produção. Não fez, por sua vez, qualquer menção à proteção que o trabalho com o uso de produtos químicos no cultivo das videiras exige, mesmo sendo este o elemento mais forte da imagem. Este aspecto foi trazido no momento da entrevista, o que acabou provocando uma importante reflexão para o participante.

As duas próximas autofotografias (Figura 2) foram produzidas pelo participante Reinaldo, do grupo do Nordeste. Ele tem 18 anos de idade, é residente da zona rural e, à época da pesquisa, trabalhava 15 horas semanais no engenho da família, na atividade de embalagem da rapadura, engarrafamento da aguardente e manejo do bagaço. Cursava, então, o segundo ano do Ensino Médio, no turno da tarde. O autor produziu quarenta e três fotografias¹², das quais selecionou quinze. Apresentou suas autofotografias de duas

¹²O participante precisou refazer o processo com uma câmera digital, pois as fotografias, ao serem reveladas, ficaram escuras.

a duas, em uma sequência organizada por ele. Aqui é apresentada uma dessas sequências.



O nosso trabalho não desenvolve só nossos engenhos mas também a nossa cidade. Este produto é muito vendido não é só na nossa região. Também vem muitos turistas para visitar nossa cidade que é patrimônio histórico como vem visitar nosso engenho.

Figura 2 – Trabalho no engenho

Fonte: Acervo da pesquisa – participante Reinaldo.

Legenda: “O nosso trabalho não desenvolve só nossos engenhos mas também a nossa cidade. Este produto é muito vendido não é só na nossa região. Também vem muitos turistas para visitar nossa cidade que é patrimônio histórico como vem visitar nosso engenho”.

Ao falar da importância econômica e cultural dos produtos produzidos no engenho para o desenvolvimento do município e da região, Reinaldo, assim como Michael, também enfatiza os aspectos positivos do trabalho, deixando de lado o que também é bastante forte na imagem: as condições precárias de trabalho e, inclusive de higiene. Estes aspectos também foram abordados na entrevista com ele, trazendo à tona, para sua reflexão, essas condições.

Em seu conjunto, as autofotografias, apresentaram elementos ricos quanto ao reconhecimento do trabalho como um lugar social. Os sujeitos dos dois grupos identificaram o trabalho como o que dá forma ao sentimento de pertencimento aos seus territórios. O trabalho aparece como um espaço de resistência, construído a partir da necessidade de se manter vivo. Os jovens e adultos participantes da pesquisa falaram sobre a forma como pensam o trabalho, a necessidade de melhoria das condições de trabalho e vida, o modo como eles acreditavam que deveria ser e como percebiam a sua própria participação. Falaram também sobre as questões que envolvem o trabalho do/no campo, como a migração do jovem e o envelhecimento dos que lá permanecem. Ao estabelecerem uma percepção de si mesmos como protagonistas do desenvolvimento do seu território, seja em algumas fotografias, em suas legendas, seja nas falas espontâneas

sobre as mesmas, ou provocados nas entrevistas, os participantes falam do desejo de um trabalho digno para além da subsistência e da sobrevivência.

Tendo como fio condutor o trabalho, os participantes enfatizaram os saberes a partir da relação com a família, com os colegas e com a escola. A família também apareceu, para muitos, como um lugar da experiência e da elaboração dos saberes relacionados ao trabalho e à vida. Ela é o espaço de incentivo dos sonhos, dos desejos e dos projetos na luta por melhores condições de vida, onde se constrói a identidade e a responsabilidade de cada um para com seu grupo familiar. Cabe destacar que, em ambos os casos aqui usados como exemplos, os estudantes trabalhavam com suas famílias¹³.

Outra questão levantada foi a responsabilidade do poder público sobre o desenvolvimento. Percebe-se a ausência do Estado quando se trata das relações de cidadania e direitos. Este foi cobrado a valorizar e a oportunizar a participação dos jovens do campo, na construção das políticas públicas que possibilitem o acesso ao conhecimento, ao trabalho e à renda.

Também foi apontado o processo migratório campo-cidade dos jovens, assim como a pluriatividade¹⁴ realizada por eles como essencial para a permanência no campo. Os participantes falaram do desejo de continuar no campo, visto por eles como o lugar que escolheram para viver, por ser um lugar de liberdade, onde se sentem bem e por gostarem e se identificarem.

Outro aspecto levantado pelos participantes foi a importância da escola que, segundo eles, vem acompanhada da possibilidade de se conseguir um trabalho melhor, que seria responsável pela melhoria da situação de vida. As falas dos participantes estão relacionadas ao seu entorno social, com a crença da escola como caminho que proporciona acesso ao trabalho mais justo e igualitário¹⁵.

Considerações finais

Para finalizar o texto, apontam-se, resumidamente, aspectos que são considerados centrais e essenciais ao sucesso da pesquisa, bem como algumas sugestões para pesquisadores e educadores interessados. Destaca-se, primeiramente, o lugar que os participantes devem ter na pesquisa, como coautores da mesma, reafirmando a noção de produção conjunta de saberes, cunhada por Maurente e Tittoni (2007).

Considerou-se autofotografia todo o processo, que abrangeu a produção das fotografias, propriamente ditas, a escrita das legendas e as reflexões feitas através de encontros entre os participantes e a pesquisadora e as entrevistas em torno das mesmas. O alcance do método, junto a trabalhadores-estudantes foi confirmado, na medida em que propiciou que eles visibilizassem seus modos específicos de trabalhar, emprestando-lhes significações. A produção autofotográfica evidenciou a singularidade de cada sujeito e as condições históricas do tempo-espaço de cada território, implícitas nessas singularidades. Foi documentada, nas autofotografias, a precariedade da vida,

¹³A família é, segundo Woortmann (1995), uma das categorias que fazem parte da organização do mundo rural, compreendida para além da produção enquanto força de trabalho.

¹⁴De acordo com Sérgio Schneider (Schneider, 1995, p. 3) “[...] muitas famílias rurais tornaram-se ‘pluriativas’, ou seja, configura-se uma situação onde numa mesma unidade familiar cada membro pode ter uma fonte diferente de trabalho e de renda”.

¹⁵*Vis a vis* tal visão, nas nossas visitas, foi percebido que as escolas onde os jovens e adultos trabalhadores-estudantes se encontravam não os conheciam; não sabiam que eles existiam enquanto trabalhadores que as frequentavam.

mas também a luta diária pela sobrevivência e a potência do trabalho como atividade vital do sujeito e como lugar de pertencimento ao território.

A produção autofotográfica se revelou uma fonte rica de informações e de valorização dos saberes dos sujeitos integrante da EJA. No estudo, o método autofotográfico mostrou sua potência, tanto pela riqueza de conteúdo trazido pelas fotografias, como pelo envolvimento dos participantes. O método deu voz aos sujeitos da pesquisa e tornou possível um espaço de diálogo entre os coautores – pesquisadora e trabalhadores – valorizando sua reflexão e sua ação como produtores da sua história de vida e de trabalho.

A centralidade do trabalho foi traço comum entre os coautores da pesquisa. Ao produzir os meios que garantem a sua própria subsistência é que os sujeitos percebem-se enquanto construtores do desenvolvimento do seu município. Ser protagonista do desenvolvimento tem ligação direta com a produção da vida e das necessidades que os mantêm na vida. O trabalho é entendido como elemento da formação humana, como espaço de resistência, como dedicação e como sofrimento diante da necessidade de se manter vivo. Assim sendo, a produção material é a condição universal de toda existência humana. A uva, o vinho, a cana-de-açúcar, a rapadura e a cachaça são resultados da ação humana, produtos da força de trabalho. Ao enfatizar o trabalho e suas condições de realização, o trabalhador-estudante traz a sua história. Nesse sentido, os trabalhadores estabeleceram uma ligação entre o homem, a natureza e o trabalho, que são entendidos de maneira inseparável em sua própria percepção.

A participação do trabalhador é essencial para a reflexão sobre o desenvolvimento que se deseja construir. Desenvolvimento que considere os saberes e as experiências cotidianas desse sujeito, que enxergam além do desenvolvimento econômico. A pesquisa ofereceu elementos importantes para tal, ao explicitar singularidades dos participantes de cada uma das duas regiões ao se perceberem como protagonistas do desenvolvimento do seu município, considerando as particularidades desses dois contextos. O trabalho, segundo os sujeitos da pesquisa, é um dos caminhos que permitirá o acesso aos demais direitos.

Por fim, ressalta-se um ponto que, ainda que tangencial à pesquisa, foi revelado ao longo da realização do estudo e que não é menos relevante: a incorporação de aspectos do método autofotográfico como estratégia pedagógica da escola, para conhecer e para valorizar os saberes experienciais que são patrimônios dos trabalhadores-estudantes e de suas comunidades. Usar a fotografia, na experiência escolar, como mediadora dos saberes dos trabalhadores-estudantes e os saberes escolares, aproximando a escola do real vivido por seus estudantes pode revelar os desejos, as dificuldades, as esperanças, o não visto, o não dito por aqueles que estão dentro e fora do espaço escolar.

Referências

Achutti, L. E. R. (1996). *Vila Dique em Porto Alegre*, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Andrade, A. M. M. Sousa (1990). *Sob o signo da imagem*, Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.

Bateson, G., & Mead, M. (1942). *Balinese Character. A photographic analysis*. New York: The New York Academy of Sciences.

Ciavatta, M. (2002). *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A.

Ciavatta, M. (2004). Educando o trabalhador da grande fábrica: a fotografia como fonte histórica. In M. Ciavatta, & N. Alves (Org.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação* (pp. 37-57). São Paulo, SP: Cortez.

Ciavatta, M., & Alves, N. (2004). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo, SP: Cortez.

Clancy, S. M., & Dollinger, S. J. (1993). Photographic depictions of the self: gender and age differences in social connectedness. *SexRoles*, 29(7-8), 477-495.

Cotanda, F. C., Silva, M. K., Almeida, M. L., & Alves, C. F. (2008). Processos de pesquisa nas Ciências Sociais: uma introdução. In C. R. Pinto, & C. A. Guazzelli (Orgs.). *Ciências Humanas: pesquisa e método* (pp. 63-83). Porto Alegre, RS: UFRGS Editora.

Dubois, P. (1994). *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papyrus.

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.

Gramsci, A. (1979). *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Kossoy, B. (1998). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.

Kossoy, B. (2000). *Fotografia e história*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.

Lopes, A. E. R. C. (1996). *Foto-grafando: sobre arte-educação e educação especial*, Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Maroy, C. (1995). A análise qualitativa de entrevistas. In L. Albarello (Ed.). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais* (pp. 117-155). Lisboa, LX: Gradiva.

Mauad, A. M. (2004). Fotografia e história: possibilidades de análise. In M. Ciavatta, & N. Alves (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação* (pp. 19-36). São Paulo, SP: Cortez.

Maurente, V.S. (2005). *A experiência de si no trabalho nas ruas através da fotocomposição*, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Maurente, V., & Tiltoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 33-38.

Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237-250.

Neiva-Silva, L. (2003). *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico*, Dissertação de mestrado (não-publicada), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Oliveira, F. (2001). *Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?* São Paulo, SP: Instituto Polis; Programa Gestão Pública e Cidadania/ EAESP/ FGV.

Samain, E. (1998). *O fotográfico*. São Paulo, SP: Hucitec.

Schneider, S. (1995). As transformações recentes da agricultura familiar no Rio Grande do Sul: o caso da agricultura em tempo parcial. *Ensaio FEE*, 16(1), 105-119.

Sontag, S. (1986). *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa, LX: Publicações Dom Quixote.

Tacca, F. C. (1990). *Sapateiro: o retrato da casa: a representação da casa do operário sapateiro francano através de seu próprio olhar fotográfico*, Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, SP: Atlas.

Woortmann, E. (1995). *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes no Nordeste*. São Paulo, SP: Hucitec.

Zanirato, S. H. (2005). A fotografia de imprensa: modos de ler. In S. H. Zanirato, & S. Pelegrini (Orgs.). *As dimensões da imagem: abordagens teóricas e metodológicas* (pp. 12- 29). Maringá, PR: UEM.

Ziller, R. C., & Smith, D. E. (1977). A phenomenological utilization of photographs. *Journal of Phenomenological Psychology*, 7(2), 172-182.

Recebido: 18/09/2017

Aceito: 27/02/2018